

**RELIGIOSIDADE E FEMINISMO: UMA ANÁLISE SOBRE A ABORDAGEM  
DA IGUALDADE DE GÊNERO NA RÁDIO GOSPEL HORA**

**Fládima Rodrigues Christofari<sup>1</sup>  
Daniela Cristiane Ota<sup>2</sup>**

**RESUMO**

A religião baliza o comportamento social e fundamenta a cultura de um povo. As igrejas não estão somente restritas a espaços delimitados de culto, elas possuem voz ativa nos meios de comunicação social e nos ambientes de decisão pública, como na política. No Brasil, as religiões cristãs possuem concessões de rádio e televisão, bancadas parlamentares e influência nas mais diversas camadas sociais. Assim, o presente trabalho analisou se a cobertura de uma rádio *gospel* favoreceu o debate sobre a igualdade de gênero e o empoderamento feminino entre o público cristão. A análise de conteúdo - fundamentada na teoria de Laurence Bardin - foi realizada a partir das entrevistas veiculadas na rádio Hora (FM 92,3), localizada em Campo Grande – MS, nos dias 09, 10 e 12 de março de 2020. Por meio dos resultados obtidos, concluiu-se que a abordagem realizada contribuiu para ampliar a reflexão sobre o feminismo, o machismo, o empoderamento feminino e a conscientização sobre os direitos das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio; Religião; Machismo; Empoderamento Feminino; Igualdade de Gênero.

**RELIGIOSITY AND FEMINISM: AN ANALYSIS ON THE APPROACH TO  
GENDER EQUALITY ON RADIO GOSPEL HORA**

**ABSTRACT**

Religion guides social behavior and underlies the culture of a people. Churches are not only restricted to limited places of worship, they have an active voice in the media and in public decision-making environments, as in politics. In Brazil, Christian religions have radio and television concessions, parliamentary benches and influence in the most diverse social strata. For this reason, this work analyzed whether the coverage of a gospel radio favored the debate on gender equality and female empowerment among the Christian public. The content analysis - based on the theory of Laurence Bardin - was carried out based on the interviews broadcast on Hora radio (FM 92.3), located in Campo Grande - MS, on March 9, 10 and 12, 2020. Through the results obtained, it was concluded that the approach contributed to broaden the reflection on feminism, sexism, female empowerment and awareness of women's rights.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bacharel em Jornalismo, especialista em Assessoria de Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela ECA-USP; Professora Associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

**KEYWORDS:** Radio; Religion; Chauvinism; Female Empowerment; Gender Equality.

## INTRODUÇÃO

A população brasileira é composta majoritariamente por mulheres. Elas somam 51,8% do total de habitantes do país, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada no ano de 2019 (IBGE EDUCA, 2020). Desde a Constituição Federal de 1988 até agora, o Brasil apresenta leis destinadas à proteção dos direitos fundamentais das mulheres. As principais delas estão no Artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, o qual prevê a igualdade entre os homens e as mulheres em seus direitos e obrigações e na Lei nº 9.504/1997, que obriga cada partido ou coligação a preencher o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo.

Ainda que a legislação garanta esses avanços para a igualdade de gênero, na prática, o que se observa é o desrespeito ao feminino em diversos espaços: na política, nas igrejas, no mercado de trabalho, especialmente nos lugares de gestão e liderança, onde elas são minoria. E ainda, com relação ao aumento nos registros de casos de violência contra a mulher e de feminicídios, a Lei nº 11.340/2006 – Lei Maria da Penha – foi criada para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e, a partir da Lei nº 13.104/2015, o crime de assassinato de mulheres motivado pela questão de gênero passou a ser tipificado como Feminicídio e a ser tratado como crime de extrema gravidade e inafiançável (hediondo).

Ao observar os números da violência contra o gênero feminino e a desigualdade presente no cotidiano das mulheres no Brasil e no mundo evidencia-se a importância de pautar o assunto nos meios de comunicação para suscitar uma sociedade mais informada e consciente. O papel da mídia nesse sentido é fundamental para reproduzir e disseminar as discussões sobre a igualdade de gênero por meio da conscientização, reflexão e debate sobre a importância do respeito e cumprimento desses direitos já conquistados.

(...) hoje, os meios de comunicação de massa consistem no principal ou, na pior das hipóteses, em um dos principais agentes de mediação da sociedade em tempos de globalização. Através de textos, sons e imagens, a cultura

midiática corrobora, assim, os laços sociais, ao mesmo tempo que fornece elementos de homogeneização de discursos e identidades. (CRUZ, 2011, p. 183)

Por isso, o objetivo desta pesquisa foi o de analisar se a cobertura da rádio *gospel* Hora, durante o Especial Semana da Mulher, favoreceu o debate sobre a igualdade de gênero e o empoderamento feminino, a partir da análise de conteúdo das entrevistas veiculadas no Jornal da Hora nos dias 09, 10 e 12 de março de 2020. A emissora promoveu, naquele ano, uma semana especial, com início no dia 09 e término no dia 13 de março, para debater a participação feminina na sociedade durante os três programas do período diurno: o Jornal da Hora (7h às 8h), o Bom Dia 92 (8h às 12h) e o Show da Hora (14h às 18h). Personalidades, figuras do cenário político, empreendedoras e profissionais de diversos setores estiveram nos estúdios no decorrer da programação especial.

Além das entrevistas, observou-se a interação dos (as) ouvintes por meio do WhatsApp, Facebook e Instagram da rádio Hora, a respeito das pautas apresentadas, já que as opiniões expostas representam pensamentos comuns da sociedade, especialmente dos frequentadores de igrejas cristãs – o público da rádio.

## **A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO BRASIL**

O Brasil está em quinto lugar no ranking de países com maior número de crimes violentos contra mulheres, estima-se que a cada dois minutos ocorra um caso de violência doméstica contra a mulher no país. Os feminicídios, crimes relacionados ao gênero, fizeram 1.206 vítimas no ano de 2018 - o ápice da mortalidade feminina em 30 anos. Em 88,8% dos casos, o autor foi o companheiro ou o ex-companheiro da vítima (GOVERNO DO ESTADO DE MS, 2020).

Mato Grosso do Sul (MS) é o terceiro Estado no Brasil com maior número de feminicídios, foram registrados 30 casos durante o ano de 2019. No mesmo período foram recebidas 51 denúncias de agressão doméstica por dia; 150 denúncias de agressões físicas tipificadas como lesão corporal dolosa (com intenção) por semana e

130 registros de estupro por mês. Houve ainda 98 tentativas de feminicídios não-consumados (GOVERNO DO ESTADO DE MS, 2020).

Campo Grande foi a primeira capital a receber a Casa da Mulher Brasileira, em 2015, uma iniciativa do Governo Federal para oferecer atendimento e amparo às mulheres em situação de violência (GOVERNO DO ESTADO DE MS, 2020). Em 2014, a capital de MS foi a que registrou a maior taxa de atendimentos na Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180. Naquele período, Mato Grosso do Sul apresentou a segunda maior taxa de registros de violência doméstica entre as unidades federativas do país e o Estado também foi o segundo em casos de estupros no Brasil. Atualmente, estão em funcionamento as Casas da Mulher Brasileira de Campo Grande (MS), São Luís (MA), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), São Paulo (SP) e Boa Vista (RR) (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Como visto, o enfrentamento à violência contra a mulher é um dos maiores desafios dos tempos atuais para a garantia da igualdade de gênero. Ainda que existam leis para proteger a mulher, a maioria dos crimes (77%) ocorre dentro de casa, no local onde elas deveriam estar mais amparadas (GOVERNO DO ESTADO DE MS, 2020). E o desrespeito ao feminino não está só dentro do ambiente familiar. Na política, nas igrejas e no mercado de trabalho, especialmente nos lugares de gestão e liderança, elas ainda sofrem inúmeros preconceitos.

## **A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E A IGUALDADE DE GÊNERO**

Segundo pesquisa do Datafolha, divulgada pelo jornal Folha de São Paulo em janeiro de 2020, as mulheres correspondem a 58% público das igrejas evangélicas e 51% das católicas (BALLOUSSIER, 2020). Para Geertz (2008) a religião fundamenta as ações humanas, apoia a conduta considerada satisfatória para o senso comum e contribui, assim, para a coesão da vida social. O sistema religioso é uma mediação em que se apreende o conhecimento de como a vida deve ser vivida, pois estabelece uma organização um modo de se portar socialmente, um tipo de vida ideal para ajustar as ações humanas a partir de um conceito de verdade, do que é estabelecido como certo e



errado. A religião é definida pelo antropólogo como um sistema de símbolos que atua com a finalidade de:

(2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações dos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 2008, p. 68)

Martino (2016, p. 13) considera que a religião é um dos grandes marcadores da identidade de indivíduos, grupos e comunidades, definindo quem pertence ou não a esses agrupamentos. Cada cultura manifesta uma religiosidade: há tribos indígenas que cultuam elementos da natureza, assim como os cristãos, muçulmanos e judeus cultuam a um Deus, cada qual à sua maneira. As perspectivas sobre o sagrado são distintas, bem como o grau de influências dessas crenças na vida cotidiana em cada grupo social. Para Sanchis (2018) a religião está diretamente relacionada à cultura, pois oferece sua própria representação sobre o mundo, fornece um modelo de vida a ser seguido e orienta as ações individuais e coletivas.

(...) os grupos humanos são relativamente diferentes, os seus ‘mundos’ são diferentes, as suas noções do bem e do mal são em parte diferentes, seus valores são diferentes, seus interesses privilegiados são diferentes, seus desejos são diferentes, suas relações, entre si e com os outros grupos, tendem a ser diferentes etc. É esse ‘jeito de ser gente’, relativamente de grupo para grupo, que constitui a “cultura” de cada um. (SANCHIS, 2018 p. 14)

A cultura é a costura dos significados que o próprio ser humano teceu sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor (GEERTZ, 2008). É a forma que cada grupo encontra para decifrar a humanidade. O que torna o homem humano é sua cultura, é o estabelecimento de relações com seus semelhantes que os faz se enxergar como gente (SANCHIS, 2018). Kluckhohn *apud* Geertz (2008, p.4) traz os seguintes significados para o termo cultura:

(1) “modo de vida global de um povo; (2) “o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo”; (3) “uma forma de pensar, sentir e acreditar”; (4) “uma abstração do comportamento”; (5) “uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) “um celeiro de aprendizagem comum”. (7) “um conjunto de

orientações padronizadas para os problemas recorrentes”. (8) “comportamento aprendido: (9) “um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento”; (10) “um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens”; (11) “um precipitado da história”. (GEERTZ, 2008, p. 4).

No aspecto da cultura cristã ocidental, o tratamento dado às mulheres é motivo de debate desde os primórdios do século XIX, especialmente com a criação dos grupos feministas, que consideram que as desigualdades entre os gêneros feminino e masculino foram construídas ao longo da história por meio de uma cultura baseada nas religiões cristãs ocidentais, caracterizadas pela imagem masculina da divindade e da interpretação sexista da bíblia (VILHENA, 2009).

O termo patriarcado (soberania do pai) denota a posição privilegiada do sexo masculino decorrente de uma interpretação bíblica que aponta o homem como a primeira criatura humana colocada no mundo por Deus. Já a mulher teria sido criada a partir de uma parte do corpo do homem (a costela), conforme consta nos escritos cristãos, no primeiro livro da bíblia:

Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente (Gênesis 2, 7). “Então o Senhor Deus declarou: ‘Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda’ (Gênesis 2, 18). Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada” (Gênesis 2, 21-23). (BÍBLIA ON, 2020)

Toldy (2010) destaca outras escrituras da bíblia que reforçaram a construção da fundamentação utilizada para que a mulher fosse submissa ao homem: “A cabeça de todo o homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus” no texto da 1ª Carta de São Paulo aos Coríntios no capítulo 11 e versículo 3; e “o homem é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem”, na 1ª Carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 11 e versículo 7. O livro sagrado traz ainda as seguintes mensagens: “A mulher exemplar é a coroa do seu marido, mas a de comportamento vergonhoso é como câncer em seus ossos”, em Provérbios capítulo 12 e versículo 4. E,

“Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos”, em Efésios capítulo 5 e versículo 24.

Na antiguidade foram inúmeros os textos que recomendavam às mulheres a serem submissas. Pela cultura estabelecida, elas deveriam estar subordinadas especialmente ao pai ou ao marido, cumprir deveres domésticos e de cuidados com os filhos e parentes, sem direitos ou exigências (SCHRUPP, 2019). Toldy (2010) considera que essa submissão “natural” da mulher foi construída a partir de um modelo retratado pelas escrituras bíblicas, na qual elas sempre foram colocadas como se não fossem seres humanos completos, isso fundamentou a ideia da mulher como propriedade do homem e assim elas acabaram se tornando presas fáceis aos desrespeitos e maus-tratos relacionados à autoridade superior masculina. Essa cultura de inferiorização feminina permaneceu com o passar das gerações.

Há milênios as mulheres foram tratadas de forma desigual, inferiorizadas, submetidas a várias violências. Historicamente o ser humano mais humilhado, desprivilegiado foi a mulher. Logicamente que à medida que as sociedades humanas foram evoluindo, as formas discriminatórias contra as mulheres foram também sendo refinadas, disfarçadas, ocultadas, mas não superadas ou erradicadas. (VILHENA, 2009, p. 82)

Segundo Hooks, a sociedade predominantemente cristã levou a coletividade a acreditar que “Deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens” (2018, p. 18), dificultando até hoje o entendimento sobre a importância de colocar homens e mulheres em condições de igualdade.

Ainda que multidões de mulheres tenham entrado no mercado de trabalho, ainda que várias mulheres sejam chefes e arrimo de família, a noção de vida doméstica que ainda domina o imaginário da nação é a de que a lógica da dominação masculina está intacta, seja o homem presente em casa ou não. (HOOKS 2018, p. 18)

O dualismo metafísico ocidental, isto é, a ideia que o mundo é composto por categorias binárias (bem/mal, inferior/superior), reforçado pela espiritualidade cristã, é a conjectura para as formas de opressão social (racismo, sexismo, entre outros). Esse pensamento formou a base de sistemas de crenças judaico-cristãs. Por isso, “a religião

patriarcal fundamentalista foi e ainda é uma barreira impedindo que o pensamento e a prática feminista se espalhem” (HOOKS, 2018, p. 112).

O movimento feminista se difundiu a partir do século XIX. Antes disso, já haviam mulheres protagonizando ações em busca de mais igualdade em países europeus e nos Estados Unidos. Em meados do século XIX nasceram associações de mulheres que se reuniam em assembleias nacionais, na Europa. Esses grupos tinham como pauta três temas principais: a reivindicação por melhor acesso ao trabalho remunerado, a crítica ao casamento tradicional e às leis matrimoniais injustas e o direito ao voto. No final do mesmo século, a luta pelo voto feminino conquistou mais espaço nas discussões públicas e somente no século XX elas passaram a ter esse direito. Esse período foi considerado a primeira onda do movimento feminista (SCHRUPP, 2019).

No Brasil, Getúlio Vargas assinou o decreto que permitia às mulheres a votar, mas o código eleitoral da época só permitia o voto de mulheres casadas com a autorização do marido. Somente em 1934 elas puderam votar sem esse tipo de restrição. O voto tornou-se obrigatório para elas a partir de 1946 (SCHRUPP, 2019).

Outro momento importante foi a agremiação de mulheres que trabalhavam nas indústrias têxteis por cerca de doze até dezesseis horas por dia, em péssimas condições de trabalho, com raros intervalos. No início de 1820 as operárias iniciaram greves e protestos devido às opressões que sofriam por serem mulheres e pelas condições degradantes que as adoeciam nas indústrias. A partir de 1850 inúmeras convenções passaram a atrair mulheres para lutar pela liberdade feminina (DAVIS, 2013). As pautas feministas foram avançando no decorrer dos séculos e incluíram as lutas pela liberdade, desde a abolição da escravatura ao o direito ao voto, à educação, ao divórcio e ao controle da natalidade, a autonomia de decisão sobre o próprio corpo; até a divisão dos trabalhos domésticos, a igualdade de salários, a participação feminina em cargos políticos, entre outras.

Uma das frases mais conhecidas é a de Simone de Beauvoir, ícone do movimento feminista: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A ideia de gênero, segundo ela, “é cunhada culturalmente e não está simplesmente na ‘natureza das



coisas””. Beauvoir incentivou as mulheres a dedicarem-se às carreiras profissionais e políticas e a se libertarem do papel da maternidade para alcançarem a liberdade (SCHRUPP, 2019, p.49).

Para Adichie (2012) o atual desafio das mulheres é trazer para a sociedade os problemas que a discriminação ao gênero feminino vem causando há tantos séculos, tais como: a naturalização da submissão da mulher ao homem, a não aceitação das decisões delas sobre o seu próprio corpo, o estupro, o abuso (moral, psicológico e sexual) e a violências causadas pelo menosprezo ao gênero e por considerar que tudo isso seria normal, por fazer parte de uma cultura. “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (ADICHIE, 2012, p. 15).

A cultura patriarcal ainda dominante em várias sociedades pode ser modificada a partir da conscientização e da vontade de uma parcela da população, mas não sem o enfrentamento de uma força de indivíduos que tentarão conservá-las a qualquer custo (SANCHIS, 2018).

### **JORNAL DA HORA – ESPECIAL MULHER: UMA ABORDAGEM SOBRE A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO**

Desde a década de 1980, a presença das religiões nos sistemas midiáticos, especialmente no rádio, tem crescido no Brasil. Conforme o relatório do *Media Ownership Monitor* (MOM) – Brasil, dos 50 veículos de comunicação pesquisados, nove são de propriedade de lideranças religiosas cristãs dominantes no Brasil, tais como: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Católica Romana, Igreja Apostólica Renascer em Cristo e Igreja Adventista do Sétimo Dia. Lideranças religiosas do país também são responsáveis por veículos de menor audiência, como jornais de circulação gratuita e revistas (MOM, 2017).

Cunha (2007) destaca que a expansão das emissoras de rádio, a partir dos anos 1990, bem como canais de TV, gravadoras e produtoras evangélicas, colaboraram para

o fortalecimento de uma cultura *gospel*<sup>3</sup> no Brasil. As personalidades (artistas, cantores, pastores, entre outros) passaram a ser seguidas e imitadas tanto quanto as do chamado mundo secular.

O que ocorreu nos anos 90 no Brasil foi uma explosão do *gospel* como um movimento cultural religioso, de um modo de ser evangélico, com efeitos na prática religiosa e no comportamento cotidiano. Passou-se a experimentar vivências religiosas combinadas em contextos socioculturais os mais variados, o que torna possível uma unanimidade evangélica não-planejada sem precedentes na história do protestantismo no Brasil. Essas vivências são expressas por meio da música, do consumo e do entretenimento. (CUNHA, 2007, p. 86)

A rádio *gospel* interdenominacional<sup>4</sup> Hora (FM 92,3) opera na cidade de Campo Grande-MS desde 2017 e pode chegar a diversos lugares do país por meio da disponibilização de sua programação nas redes sociais (Facebook, Instagram e Youtube), além de seu site na internet [www.radiohora.com.br](http://www.radiohora.com.br). O nome Hora significa Homem Ora. “É uma rádio que conecta o homem com a oração”, explicou o diretor Luciano Medeiros Barbosa Rodrigues (RODRIGUES, 2020). Seu alcance chega a 100 km a partir do seu transmissor, o sinal pode ser sintonizado nos seguintes municípios de MS: Jaraguari e Rochedo (norte); Nova Alvorada do Sul e Sidrolândia (sul); Ribas do Rio Pardo (leste) e Terenos (oeste). A estimativa da direção é que o alcance seja de 1 milhão de ouvintes em todo Mato Grosso do Sul, mas não há uma pesquisa de audiência que confirme esse número. Sua transição para o FM ocorreu no dia 16 de abril de 2018.

No mês em que se comemora o Dia Internacional de Mulher (8 de março), a rádio organizou uma programação especial para debater a participação feminina na sociedade. Com o tema “vencer o preconceito e a discriminação tem a ver com você, tem a ver com todos nós”, a emissora *gospel* trouxe uma programação especial na semana de 9 a 13 de março de 2020, por meio de entrevistas com personalidades femininas e com autoridades que lidam diariamente com o enfrentamento à violência contra a mulher. O Jornal da Hora, que é veiculado das 7h às 8h priorizou as pautas sobre as políticas públicas voltadas às mulheres e a repercussão dos altos índices de

<sup>3</sup> Significa “evangelho” em inglês. Está relacionada à cultura evangélica (protestante).

<sup>4</sup> A rádio não pertence a uma denominação religiosa específica.

violência, machismo e feminicídio. Enquanto os programas de entretenimento – Bom dia 92 e Show da Hora – veicularam entrevistas trazendo histórias de personalidades e de mulheres empreendedoras da capital.

O Jornal da Hora Especial Mulher contou com as seguintes participações: Luciana Azambuja, Subsecretária de Políticas Públicas para as Mulheres (09/03/2020); Rosemeire Batista, Assessora Jurídica do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul (10/03/2020); Professor Rinaldo Modesto, Deputado Federal - mandato de 2018 a 2022 – (11/03/2020); Dharleng Campos, vereadora de Campo Grande – mandato de 2016 a 2020 - (12/03/2020) e Márcia Mendes, psicóloga e ex-atleta de voleibol de MS (13/03/2020).

A metodologia utilizada para definição do corpus, observação e análise dos dados desta pesquisa foi a Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (1995, p. 19) compreende “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. O programa escolhido para esta análise foi o “Jornal da Hora”, devido ao seu caráter jornalístico e somente as entrevistas veiculadas nos dias 09, 10 e 12 de março de 2020 foram analisadas, pois traziam debates sobre o machismo estrutural e o combate à violência contra a mulher.

O estudo seguiu as seguintes etapas propostas por Bardin (1995): a pré-análise (a partir da leitura flutuante, a definição do corpus da pesquisa, a representatividade do material coletado, a exaustividade ao decupar todas as entrevistas selecionadas, a homogeneidade e pertinência na tratativa da igualdade de gênero, a formulação de hipóteses e referenciação dos índices e elaboração de indicadores), a preparação e exploração do material, a análise qualitativa do corpus e a categorização dos temas.

A pré-análise foi realizada a partir da escuta atenta das entrevistas inicialmente em todos os programas veiculados durante a “Semana da Hora – Especial Mulher”, seguida da escolha pelas entrevistas do programa jornalístico “Jornal da Hora” para estabelecer o corpus da pesquisa.

Conforme Ferrareto (2001) o radiojornal reúne várias formas jornalísticas, tais como: boletins de notícia, previsão do tempo, comentários com a opinião do locutor, entrevistas, entre outros. O Jornal da Hora possui essa estrutura, é iniciado com a leitura das principais notícias veiculadas por jornais impressos e online, a opinião do apresentador (Arthur Mário) sobre os temas de maior impacto social, a previsão do tempo, comentários esportivos com convidados externos por telefone e dicas de finanças pessoais gravadas com especialistas da área. Mas são as entrevistas com convidados no estúdio que ocupam a maior parte do radiojornal, são cerca de 40 minutos por dia dedicados ao diálogo do locutor com os entrevistados. Os ouvintes são incentivados a enviar interações, perguntas e ou comentários sobre os temas tratados.

O programa de entrevista representa parcela significativa da programação das emissoras dedicadas ao jornalismo. Nele, é fundamental a figura do apresentador que conduz as entrevistas, chama repórteres e, quando necessário, emite opiniões. No entanto, a interpelação de protagonistas dos fatos ou de analistas ocupa a maior parte da emissão. (FERRARETO, 2001, p.56)

Após a escolha do programa e dos dias que seriam analisados, optou-se pela gravação das três entrevistas selecionadas, para então categorizar as perguntas, respostas ou comentários que continham os seguintes temas:

- a) Machismo. Os termos encontrados que continham relação com o tema foram: machismo/ machista, masculinidade tóxica, [homem] violento/agressor, violência/violento/violação, [homem] agressor/agressivo/agressão, abuso/abusivo/abusar, algoz (s).
- b) Feminismo e empoderamento feminino. Os termos encontrados foram: feminismo/feminista/feminina, empoderamento feminino/das mulheres, sororidade, direito (s), empreendedorismo/empreendedoras.
- c) Igualdade de gênero: discriminação [da mulher], (des) igualdade de gênero e discriminação (s).



Buscou-se compreender, a partir da análise qualitativa do material, se a abordagem realizada pelo jornal contribuiu para uma reflexão sobre a pauta: igualdade de gênero e o empoderamento feminino, tendo em vista que a moral religiosa influencia nesta compreensão. Bardin considera que a análise qualitativa “corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos ou à evolução das hipóteses” (1995, p.115). A principal hipótese levantada foi de que haveria divergências entre a opinião dos ouvintes sobre o tema devido a uma construção histórica, social e religiosa que, como visto anteriormente, favorece a mentalidade dominante de que a mulher deve ser submissa ao homem.

A semana de entrevistas realizada pelo Jornal da Hora teve em média 40 minutos de tempo de participação de cada convidada, o que totaliza aproximadamente 3h30min no decorrer da semana. O jornal vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 7h às 8h da manhã. Nesta análise foram contabilizadas 2h10min de entrevistas com três convidadas: Luciana Azambuja (44 min.), Rosimeire Batista (44 min.) e Dharleng Campos (38 min.). Nos debates foram encontrados 101 palavras ou expressões que remetiam ao machismo, 23 sobre o feminismo e o empoderamento feminino e nove sobre a (des) igualdade de gênero e discriminações, conforme mostra a tabela 1:

Tabela 1 – Análise Temática

<b>Machismo/Machista</b>	<b>Qt de.</b>	<b>Feminismo/Empoderamento feminino</b>	<b>Qt de.</b>	<b>Igualdade de Gênero</b>	<b>Qtd e.</b>
Machismo/Machista	2	Feminismo/Feminista/Feminina	5	Igualdade de gênero	0
Masculinidade tóxica	1	Empoderamento feminino/das mulheres	5	Desigualdade de gênero	2
Violência/Violenta)/ Violação	68	Sororidade	1	Discriminação(ões)	7

Agressor/agressivo/agressão	23	Direito(s)	4		
Abuso/Abusivo/Abusar	5	Empreendedorismo/Empreendedoras	8		
Algoz/Algozes	2				
<b>Total:</b>	<b>101</b>		<b>23</b>		<b>9</b>

Fonte: Elaboração própria.

Observou-se que o assunto que rendeu maior debate no decorrer de toda a semana foi o da violência doméstica, incitado pelos altos índices registrados no Estado. Verificou-se que, ao repercutir números e histórias sobre as violências sofridas por mulheres, locutor e entrevistadas chegaram aos principais desafios atuais para que se possa alcançar a igualdade de gênero: o machismo histórico e estrutural ainda presente na sociedade; a maior inserção da mulher no mercado de trabalho, mas sua pouca participação em cargos de liderança; a tripla jornada das mulheres trabalhadoras em vista da pouca participação do homem nos trabalhos domésticos; a pouca inserção das mulheres na política; o preconceito quando mulheres ocupam funções antes comandadas por homens; a submissão de mulheres à violência física, moral e psicológica por questões afetivas e financeiras; a esperança de mulheres pela cura do marido agressor por meio da fé; entre outros pontos de discussão.

O machismo foi o tema mais comentado nas entrevistas, ele está associado às causas das discriminações e violações aos direitos das mulheres, da violência doméstica e dos feminicídios. Ao iniciar a entrevista com a subsecretária Luciana, o jornalista Arthur Mário (AM) relatou o título de uma matéria do site Campo Grande News em que a vítima de violência afirmava se sentir culpada por ter sido agredida pelo companheiro. O locutor então insere, desde o início da entrevista, o conceito “sociedade machista” como principal causa das violações aos direitos das mulheres:

(...) Olha é muito triste né, sentimento de culpa, violência física, assédio psicológico, assédio moral em locais de trabalho, assédio sexual, dupla jornada de trabalho, e, por último, a questão do feminicídio. Quer dizer, são tantos aspectos para vocês abordarem e trabalharem com essa sociedade machista ainda né? (AM)

Os grupos de palavras-chave que mais apareceram dentro do conceito de machismo<sup>5</sup> foram: violência/violento(a)/violação (68), agressor/agressivo/agressão (23), abuso/abusivo/abusar (5), machismo/machista (2), algoz/algozes (2) e masculinidade tóxica (1), isso se deve à ideia de que o machismo é a relação de dominação que divide os sexos (feminino/masculino) em hierarquias, sendo o masculino o dominante e o feminino o dominado: “o machismo representa-articula (relações reais e imaginárias) esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade” (DRUMONT, 1980, p. 82). Para Minayo, o conceito de masculino na sociedade ocidental está atrelado “ao sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto; o lugar da ação, da decisão e da chefia das relações familiares e o agente do poder da violência” (2005, p.18-19).

Na entrevista com a assessora jurídica da Coordenadoria da Mulher do TJMS, Rosimeire Batista (RB), o entrevistador questionou o que mais seria necessário fazer, além das leis de proteção, para coibir as ações dos homens agressores. Batista argumentou que o mais importante é ajudar a conscientizar as pessoas sobre a existência do machismo estrutural:

(...) permanece no inconsciente nosso, da sociedade em geral, essa inferioridade da mulher e a gente precisa trabalhar isso. (...) Nós mudamos as leis, mas permanece essa cultura de inferioridade da mulher e é isso que a gente precisa mudar. (RB)

O feminismo e o empoderamento feminino foram o segundo maior foco de discussões nas entrevistas, aparecendo como palavras-chave o empreendedorismo feminino (8), o empoderamento das mulheres (5), o feminismo e o feminino (5), os direitos das mulheres (4) e a sororidade (1). O termo empreendedorismo e empreendedoras foi muito utilizado pelo jornalista para anunciar as entrevistas realizadas durante a programação pela semana dedicada à mulher: “Semana da Hora

---

<sup>5</sup> Conforme a Tabela 1: Análise Temática.

sendo lançada neste momento e, durante toda a semana, a rádio Hora lado a lado com as mulheres, lideranças empreendedoras, as lideranças femininas que atuam no setor público (...)” e “nesta Semana da Hora o que fica evidenciado é que, com tantos e tantos problemas e questões, a rádio pautou muitas mulheres empreendedoras dos mais diversos setores, do setor público e privado”, disse o apresentador nos dias 09 e 12 de março de 2020, respectivamente.

Em relação ao feminismo, falou-se brevemente sobre as circunstâncias que levaram à criação do Dia Internacional da Mulher, mas não foram citados nomes do movimento feminista ou o significado do feminismo. De qualquer maneira, as entrevistas focaram em discussões que são preocupações do movimento: a ausência das mulheres em cargos políticos, ações para o empoderamento feminino no Estado e, principalmente, o enfrentamento à violência contra a mulher. Sem detalhamentos, a expressão “sororidade” também apareceu, em uma resposta da subsecretária de políticas públicas explicada como “uma expressão que os movimentos de mulheres utilizam bastante”. Conforme Hooks (2018) o termo remete a uma ideia de solidariedade entre mulheres em oposição ao preconceito estabelecido na sociedade de que as mulheres seriam rivais umas das outras por natureza.

Continuamos a produzir o pensamento e a prática antissexista que confirmam a realidade de que mulheres conseguem alcançar a autorrealização e o sucesso sem dominar umas às outras. E temos a sorte de saber, em todos os dias da nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa. (HOOKS, 2018, p. 32)

Azambuja também abordou a “paternidade responsável” como uma forma de construir novos exemplos para a sociedade, em que os homens dividem as tarefas do lar e a criação dos filhos, “permitindo assim que a mulher tenha um tempo maior e melhor”. O termo “direito (s)” faz uma referência ao direito a viver sem violência, à defesa dos direitos da mulher, a violação de direitos, a lutas por direitos e a conquista de direitos.

A discriminação de gênero (7) foi mais utilizada do que o termo (des) igualdade de gênero (2). A subsecretária de políticas públicas utilizou como mote de sua



campanha a frase “Vencer o preconceito e a discriminação tem a ver com você, tem a ver com todos nós”. Quem também utilizou este termo foi a convidada Rosimeire Batista (RB), com as afirmativas:

As mulheres são invisibilizadas desde sempre na história da humanidade e a política é um espaço de poder que as mulheres não estão tendo acesso e precisamos discutir o porquê, quais são as causas. (...) A invisibilidade delas com certeza também é uma forma de discriminação. (...) Precisamos falar mais sobre o assunto, compreender, refletir sobre as causas da violência contra a mulher para quem sabe a gente mudar o padrão cultural que é aonde se fundamenta a violência e a discriminação contra as mulheres. (RB)

A desigualdade de gênero é um fator apontado para ausência da mulher em cargos políticos, segundo duas das entrevistadas: Luciana Azambuja (LA) e Dharleng Campos (DC). Azambuja destacou que o espaço político ainda é um desafio para as mulheres devido a grande quantidade de tarefas que elas precisam desempenhar na sociedade como mães, trabalhadoras, estudantes, donas de casa e que quase não sobra tempo para se pensar em uma atuação na vida política. Ela acrescenta ainda que no estado de Mato Grosso do Sul há uma diversidade cultural devido à proximidade com as fronteiras com o Paraguai e com a Bolívia e que estas mulheres não são representadas no cenário político. E conclui: “Nós temos como consequência da desigualdade de gênero não só a violência contra a mulher, mas também a falta da participação das mulheres na política”.

Dharleng, que atuou como vereadora em Campo Grande por quatro anos, aponta que tais cargos são de difícil acesso para mulheres. Ela detalha que “em vários partidos, a mulher é utilizada como escada para os homens”, segundo a vereadora, as candidatas são usadas pelos partidos apenas para receber recursos de campanha. Dharleng afirmou ainda que quando mulheres conseguem chegar a tais cargos, são perseguidas por ainda serem a minoria.

Sobre este tema, a vereadora recebeu a seguinte pergunta de José Luiz Mikimba (JLM), médico e comentarista esportivo do programa:

Nesta semana que nós estamos organizando a semana da mulher, trouxemos várias mulheres empreendedoras. Queria fazer um retrospecto, esses dias uma ouvinte reclamou porque as mulheres não tem mais oportunidades na

vida pública. Aí eu fiquei lembrando que nós tivemos grandes mulheres como a Oliva Enciso, que foi a primeira deputada no Estado uno, depois tivemos Neli Bacha, que chegou à prefeita, a Marisa Serrano que eu conheci nos diretórios acadêmicos e foi galgando, e tivemos a Maria Elisia Suzan, várias, hoje a Rose Modesto a deputada federal mais votada do Estado e você agora como exemplo. Qual é a diferença para a mulher fazer esse caminho, porque elas reclamam tanto que não têm espaço, mas tem umas aí que construíram esse espaço. Como é construir esse caminho, você já foi gerente de banco, secretária e hoje é uma vereadora atuante? (JLM)

Essas considerações do médico remetem a outro pensamento muito comum na sociedade, de que as mulheres não alcançam, muitas vezes, os postos que gostariam por falta de vontade e de persistência. A desigualdade histórica é anulada nesse tipo de afirmação. A vereadora entrevistada, Dharleng Campos (DC), explicou ao comentarista os vários desafios que existem para ocupar os cargos políticos, principalmente devido à discriminação de gênero:

(...) não é um espaço fácil de ocupar, às vezes, em vários partidos, a mulher é utilizada como escada para os homens, recebe recurso, repassa para o partido, isso é muito triste, e a mulher que está do lado de fora, que escuta isso, que fica sabendo disso, se desanima. Precisamos colocar na cabeça da mulher a importância dela estar no meio político, ocupar esse cargo que deveria ser dela, mas, infelizmente, ainda vários partidos só dão condições para os homens competirem e deixa a mulher de lado, e infelizmente a mulher acaba não chegando aonde deveria chegar, mesmo com as cotas. E infelizmente quando ela chega a alguns cargos ela acaba sendo perseguida porque a maioria ali são homens. E os homens não vão dando o espaço que ela merece. (DC)

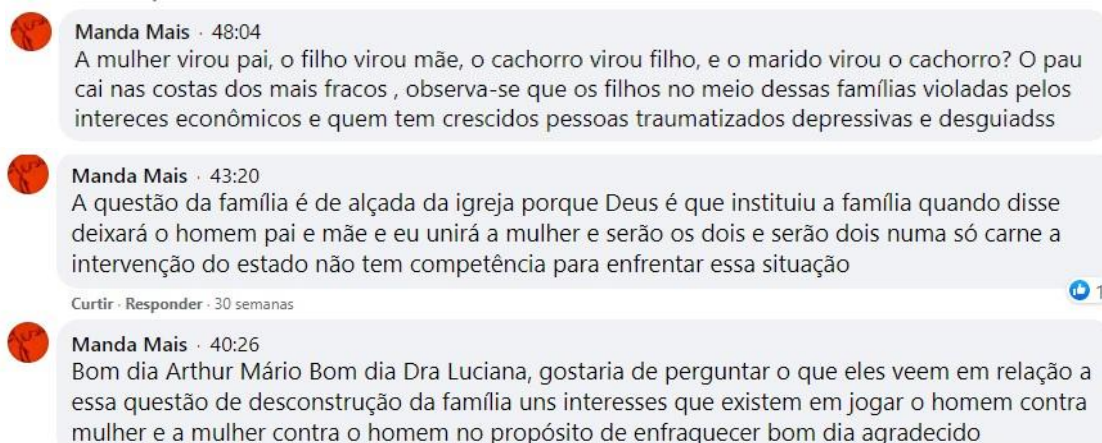
A programação da rádio destacou o papel da mulher em diversas esferas sociais por meio de entrevistas com personalidades femininas e com autoridades que lidam diariamente com o enfrentamento à violência contra a mulher. O Jornal da Hora, que é veiculado das 7h às 8h priorizou as pautas sobre as políticas públicas voltadas às mulheres, inclusive para repercutir os índices de violência e de feminicídio. Enquanto os programas de entretenimento – Bom dia 92 e Show da Hora – veicularam entrevistas trazendo histórias de personalidades e de mulheres empreendedoras da cidade. As conversas realizadas durante a semana de comemoração ao dia internacional da mulher renderem muitos debates entre os ouvintes, que serão destacados a seguir.

## OPINIÕES EXPRESSAS PELOS OUVINTES DURANTE AS ENTREVISTAS

De forma geral, a sociedade possui pensamentos e opiniões conservadoras sobre o papel da mulher, sustentados pela cultura ocidental, constituída por crenças religiosas de denominações cristãs. Essas opiniões ficaram evidentes em alguns dos comentários enviados por ouvintes da rádio durante as entrevistas. Um deles, que teceu várias críticas às falas das entrevistadas, preferiu não se identificar. Em seu perfil no Facebook, de onde as mensagens foram enviadas, tinha como capa o termo “Jesus”, sem qualquer tipo de identificação pessoal. Nas redes sociais muitos discursos de ódio e que se contrapõem aos direitos humanos fundamentais são revelados no anonimato.

Mensagens enviadas no dia 09 de março de 2020 para a entrevistada Luciana

Figura 1: Comentários extraídos do Facebook da rádio Hora



Azambuja:

Fonte: Facebook da Rádio Hora<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/live/?v=494983684722145&ref=watch\\_permalink](https://www.facebook.com/watch/live/?v=494983684722145&ref=watch_permalink).

Comentários enviados por aplicativo de mensagens no dia 10 de março de 2020 para a entrevistada Rosimeire Batista, lidas pelo locutor durante a entrevista.

Comentário do ouvinte Santos Júnior (SJ), enviado por WhatsApp:

A coordenadora diz que precisa romper com o ciclo cultural, pergunta-se: as políticas públicas não teriam que ser focadas no comportamento da mulher e sua autonomia para o trabalho, em não depender do homem? Só o homem não romperá com esse ciclo. (SJ)

Comentário de um ouvinte não identificado, enviado por WhatsApp:

Não sou a favor dos homens baterem e até matarem as mulheres, mas a lei está muito a favor das mulheres, tanto que se elas chegarem numa delegacia mentindo sobre agressão ou assédio você já vai preso e até explicar que focinho de porco não é tomada você já passou por constrangimento. Não seja hipócrita como outras emissoras, mulher mata, engana, trapaceia, mente, tal qual o homem. Logo estarão dizendo que Deus é machista, nem todo o homem é agressor e nem toda mulher é inocente.

Novo comentário do perfil “Manda Mais” (ouvinte não identificado) sobre a participação feminina na sociedade, enviando no dia 12 de março de 2020. Transcrição literal do comentário em destaque:

Você acha que o aumento dos casos de depressão, síndrome do pânico e suicídio na família, está ligado ao fado da violação da natureza; em a mulher ser homem e o homem ser homem.? Creio que ninguém é melhor que ninguém cada um é bom apartir do momento em que faz a sua parte, em que suas habilidades naturais dispõem, já viu um homem grávido? Ou a mulher combatendo contra homem na guerra?



Figura 2: Comentário do perfil "Manda Mais"



Fonte: Facebook da rádio Hora<sup>7</sup>

Os comentários negativos foram lidos e respondidos pelas entrevistadas e pelo entrevistador com o objetivo de elucidar possíveis distorções do que estava sendo dito naquelas entrevistas e explicar que as falas expostas pelos ouvintes remetiam a preconceitos que continuam enraizados na sociedade patriarcal.

Quanto aos comentários feitos para no dia 09 de março de 2020 para a entrevistada Luciana Azambuja (LA), ela respondeu:

Da nossa parte, nem do governo do Estado, nem da subsecretaria de políticas públicas para as mulheres, nós não temos a função de desconstruir família nenhuma e nós também não temos a intenção de ingerir na instituição da família. O que nós queremos é que todas as pessoas desta unidade familiar possam conviver em harmonia com respeito, com amor, com cidadania, e nós temos como Estado e como sociedade civil a obrigação e a responsabilidade de agir em casos de violação de direitos, principalmente se for contra crianças. Então o que nós queremos como subsecretaria de políticas públicas para as mulheres é garantir a todas as mulheres o direito de viver sem violência, mas sem sombra de dúvidas fortalecendo os laços familiares para que essas famílias vivam, repito em harmonia e com respeito. E, se houver a violência, é porque já não tem mais o respeito nessa família, então aí nós orientamos as mulheres a procurarem seus direitos, a denunciarem esse agressor e aí que se cumpra o rito legal da justiça. (LA)

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/RadioHora/videos/637084593735941>

Comentário do apresentador, Arthur Mário (AM), ao ouvinte Santos Júnior, na entrevista realizada no dia 10 de março de 2020:

Não compreendi muito bem, mas acho que ele traz, ‘oh Marrom me ajuda aí né’, aquela famosa música da época dos nossos pais: “Amélia mulher de verdade”. Será que essa transformação, essa mulher contemporânea, que ajuda o companheiro, que ajuda no orçamento doméstico, essa mulher que a partir dos anos 70 sai e deixa de ser só mãe, que além de cuidar da casa, de ser mãe, ainda vai para o mercado de trabalho. Será que na mente coletiva masculina, eles ainda querem que elas façam tudo isso e ainda sejam a “Amélia, mulher de verdade”? Será que é isso, pela pergunta do Santos Júnior? (AM)

A assessora jurídica Rosimeire Batista (RB) complementou:

Eu acredito que sim né, tanto é que as mulheres vivem triplas jornadas de trabalho, essa que é a realidade. Mas, assim, a gente não cobra só dos homens a mudança deste ciclo, tanto que a gente trabalha muito com as mulheres. Quanto a questão da autonomia financeira para as mulheres, hoje a gente percebe que, várias pesquisas indicam que as mulheres estão estudando mais. Eu li recentemente uma pesquisa de 2012 a maioria entre os bacharéis em direito, são mulheres. Mas infelizmente as mulheres não têm alcançado cargos de poder, por exemplo. No TJ quantos desembargadoras quantas mulheres temos? Hoje nós temos em atividade uma ou duas, dentre 35. (RB)

E respondeu também ao comentário do ouvinte que não quis se identificar:

A violência faz parte do nosso contexto, a mulher é um ser humano antes de tudo, temos que partir do princípio que a mulher é um ser humano. O fato é que há mais homens agressores no ambiente doméstico do que mulheres agressoras, não estamos dizendo que não existe o contrário, que não existem homens em situação de violência, mas a taxa do contrário é muito pequena. (RB)

Quanto ao último comentário, o locutor apenas pediu que os ouvintes se identificassem ao enviar seus comentários e seguiu com a entrevista à vereadora que estava no estúdio.

As reações de discordância e ódio ao pensamento feminista, algumas vezes exemplificadas nos comentários dos ouvintes da rádio Hora, mostram que a sociedade permanece conservadora e apegada a uma interpretação religiosa sobre as questões de gênero.

Gonçalves (2019) afirma que o feminismo faz parte do cotidiano dos homens e das mulheres, mas ainda precisa ser compreendido em sua plenitude por ambos os sexos. É um movimento que não diz respeito somente à mulher ou ao homem, ele é para todos, para que haja uma convivência pacífica e com oportunidades iguais.

Não há mais volta aceitável nas conquistas do feminismo, a cada dia mais importantes e reconhecidas, e, sem as quais, acredite, não haveria qualquer possibilidade de progresso, bem-estar social, desenvolvimento humano ou justiça. Até mesmo a própria humanidade não poderá assim ser chamada enquanto a mulher for tratada com inferior. (GONÇALVES, 2019, p.9)

Segundo Gonçalves, muitos dos críticos das ideias feministas defendem que as mulheres sejam femininas em vez de feministas, ou seja, que elas deveriam continuar em suas redomas sem questionar seu papel social: “elas podem e até devem trabalhar, podem até ser chefes, mas nunca pedir igualdade, porque não existe essa coisa, mulher é mulher, homem é homem” (2019, p. 103).

Esses pontos de vista ignoram que os direitos conquistados até o momento foram investidos de lutas lideradas pelos movimentos populares feministas, entre eles: o direito ao voto em 1932, a igualdade de direitos entre homens e mulheres na Constituição Federal de 1988, a Lei Maria da Penha em 2006, a Lei do Feminicídio em 2015 e a Lei da importunação sexual feminina em 2018. E, caso as feministas não escancarassem as desigualdades mundialmente existentes, uma parcela ainda maior de mulheres não teria até hoje o acesso a escolas, universidades, participações na política, nos esportes e nem mesmo poder de decisão sobre o próprio corpo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio das entrevistas veiculadas pela rádio Hora, concluiu-se que a emissora *gospel* interdenominacional dedicou um espaço significativo da programação para ampliar a reflexão e o debate sobre o feminismo, o machismo, o empoderamento feminino e a conscientização sobre os direitos das mulheres.

Três temas principais foram percorridos durante a semana em alusão ao Dia Internacional da Mulher: a violência de gênero, a participação da mulher no mercado

trabalho e na política e a igualdade de direitos. As mulheres convidadas para as entrevistas possuem autoridade nas funções que exercem para debater os temas propostos. A primeira é uma representante estadual que possui como função elaborar políticas públicas voltadas aos direitos femininos, a segunda é da área da justiça e lida diariamente com as questões da violência de gênero e a terceira foi uma vereadora, um cargo majoritariamente ocupado por homens no Brasil e que relatou os preconceitos que sofreu em sua trajetória política.

Apesar de se tratar de uma emissora voltada ao público evangélico, em sua maioria, a rádio realizou essas entrevistas em seu programa jornalístico, o jornal da Hora, veiculado no início da manhã (das 7h às 8h), de segunda a sexta-feira. O programa segue as características tradicionais de um radiojornal, como comentários de notícias e entrevistas, na maior parte do tempo. Os convidados, em sua maioria, são personalidades públicas e os temas variados, não sendo, portanto, um programa religioso ou que debata normas ou questões relacionadas a uma doutrina religiosa.

Nos três dias analisados, as convidadas reforçaram as consequências que as mulheres enfrentam diariamente devido à cultura machista, construída ao longo dos séculos pela religião cristã ocidental que coloca a mulher na condição de submissão ao homem. Em seus trabalhos, Vilhena (2009), Toldy (2010), Hooks (2018) e Schrupp (2019), destacaram trechos bíblicos e crenças que incentivaram a cultura da desigualdade entre o gênero feminino e o masculino, enquanto Adichie (2015) reforçou que é necessário mudar o padrão cultural existente para alcançar e garantir a igualdade.

Os pensamentos culturalmente machistas ficaram evidentes nas opiniões declaradas pelos ouvintes no decorrer das entrevistas. Neste sentido, a condução do programa jornalístico favoreceu a defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres, contrariando a opinião de tais ouvintes que se expressaram pelo WhatsApp e Facebook da emissora – expressos no artigo. Todos os comentários apresentados foram lidos e rebatidos pelas próprias entrevistadas e pelo entrevistador. Em sua condução, o locutor do radiojornal – jornalista Arthur Mário - ressaltou o percurso das mulheres na



luta pela igualdade de gênero e os dados que mostram ao público o quanto as mulheres ainda se encontram vulneráveis a violências devido a esta cultura.

Por se tratar de um formato jornalístico, o programa pautou-se por dados e estatísticas. A discussão teve grande relevância para a pauta da igualdade de gênero por se inserir em um radiojornal e com personalidades públicas que não representam a visão religiosa. Outro aspecto que chama a atenção é que, mesmo se tratando de uma emissora *gospel*, a abordagem não seguiu a lógica da moral religiosa e nem mesmo de uma militância pró-feminismo.

O tempo dedicado, cerca de 40 minutos por dia, de segunda a sexta-feira, no radiojornal do início da manhã, contribuiu para que o debate chegasse ao público que, pelo *feedback* recebido, conserva uma relutância quando se fala em igualdade de gênero e uma aversão ao termo feminismo, ratificando a ideia de Gonçalves (2019) que essa é uma discussão ainda incompreendida por uma grande parcela da sociedade, sejam homens ou mulheres.

A resistência do público na compreensão sobre a igualdade de gênero reforça a necessidade de uma inserção mais corriqueira desta pauta nos meios de comunicação para dar visibilidade e desencadear reflexões e possíveis mudanças de pensamentos e principalmente de atitudes da sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. **Folha de São Paulo**, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em 16 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70: Lisboa, 1995.

BÍBLIA ON. **Bíblia Sagrada Online**. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/mulher/>. Acesso em 21 set. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 16 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.104/2015, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm)>. Acesso em 16 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, [2006]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em 16 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. Brasília, DF: Presidência da República, [2017]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm)>. Acesso em 16 set. 2020.

CRUZ, Fábio Souza da. **Mídia e direitos humanos: tensionamentos e problematizações em tempos de globalização neoliberal**. Universidade Católica de Pelotas (UCPel). R. Katál., Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 182-190, jul./dez. 2011.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.  
DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo. Perspectivas**, São Paulo 3: 81-85, 1980.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o Veículo, a História e a Técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1.ed., 13 reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Marli. **Feminismo no cotidiano: bom para mulheres. E para homens também...** São Paulo: Contexto, 2019.

GOVERNO DO ESTADO DE MS. **Casa da Mulher Brasileira**. Não se Cale. Disponível em <<https://www.naosecale.ms.gov.br/casa-da-mulher-brasileira/>>. Acesso em 05 out. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE MS. **Mapa do Femicídio - Mato Grosso do Sul**. Vol.1. jun. 2020. Disponível em: <<http://www.naosecale.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/MAPA-DO-FEMINICI%CC%81DIO-VERSAO-FINAL-Luciana.pdf>>. Acesso em 23 set. 2020.

GOVERNO FEDERAL. **Casa da Mulher Brasileira é inaugurada em Campo Grande/MS**. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM. Brasília, DF, 03 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/casa-da-mulher-brasileira-e-inaugurada-em-campo-grande-ms>>. Acesso em 05 out. 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras/ bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Comunicação.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1):18-34, 2005.

PARTICIPAÇÃO religiosa na mídia brasileira. **Media Ownership Monitor (MOM) - Brasil**. Destaques. Mídia e Religião. São Paulo, SP, out. 2017. Disponível em <<https://brazil.mom-rsf.org/br/destaques/participacao-religiosa-na-midia/>>. Acesso em 09 out. 2020.

QUANTIDADE de homens e mulheres. **IBGE Educa**. Conheça o Brasil – População. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em 16 set. 2020.

RÁDIO HORA. **Quem Somos**. Disponível em: <<https://radiohora.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 19 jan. 2021.

RODRIGUES, L. M. B. **Luciano Medeiros Barbosa Rodrigues**. Entrevista [jun 2020]. Entrevistadora: Fládima Rodrigues Christofari. Campo Grande, 2020. 1 arquivo (19:31 min). Entrevista concedida.

SANCHIS, Pierre. **Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes**. Organização Mauro Passos e Léa Freitas Perez. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SCHRUPP, Antje. **Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano**. Tradução de Eline Alves Kraus. Ilustrações de Patu. São Paulo: Blucher, 2019.

TOLDY, Teresa Martinho. A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 89 | 2010, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 20 abr. 2019. URL: <<http://journals.openedition.org/rccs/3761>>; DOI: 10.4000/rccs.3761.

VILHENA, Valéria Cristina. **Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia**. São Bernardo do Campo, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo.

**Recebido em 06 de abril de 2021.**

**Aprovado em 09 de agosto de 2021.**